

# O USO (E O NÃO USO) DE CONECTORES TEXTUAIS EM CHARGES QUE ABORDAM A COVID 19<sup>1</sup>.

Orientando: Lineu Vitor Alves MEDEIROS<sup>2</sup>

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisete Maria de Carvalho MESQUITA<sup>3</sup>

## Resumo

Com o objetivo de verificar como o uso (ou o não uso) de conectores textuais interfere no modo como os chargistas tratam de questões atreladas à Covid 19, selecionamos e analisamos cinco 05 (cinco) charges produzidas e veiculadas, no Brasil, durante o período pandêmico provocado pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Apoiando-nos em Koch (2009; 2003; 1997), Koch e Travaglia (1989) e Romualdo (2000), principalmente, observamos que, independentemente, da presença ou da ausência de conectores textuais, é possível perceber, claramente, o(s) propósitos dos produtores das charges. Para, além disso, verificamos que, dos 05 exemplares analisados, 03 não apresentam conectores e 02, ao contrário, lançam mão desses elementos. Nesse último caso, os conectores empregados assumem funções nem sempre comentadas pelas gramáticas normativas de Língua Portuguesa. É o caso de “e”, na charge 02 e “já”, na charge 05. Levando em conta tanto nossos interesses de pesquisa quanto os resultados obtidos, esperamos que este estudo possa contribuir para aqueles que se interessam pelos muitos e variados aspectos do universo textual/discursivo, de modo mais amplo, e pelos conectores textuais, de modo mais específico.

Palavras-chave: conectores textuais; gênero do discurso; charge; pandemia.

## 0.0. Apresentação e justificativa

A pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que trouxe vários prejuízos para a humanidade a partir de fevereiro de 2020, instaurou uma nova realidade que, certamente, será eterna e infortunadamente lembrada devido ao caos humanitário que provocou. A situação vivenciada em todo o planeta por conta dessa pandemia e em especial no Brasil, um dos países com maior número de mortos<sup>4</sup>, desencadeou uma situação de colapso na saúde e profunda tristeza coletiva.

---

<sup>1</sup> Artigo resultante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Letras- Português, da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: vitor59@live.com

<sup>3</sup> Professora Titular do Instituto de Letras e Língua Portuguesa (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: elismcm@gmail.com

<sup>4</sup>Mais de 640 mil vidas perdidas, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 16 de fev. 2022.

Entretanto, não bastasse a tragédia pandêmica em si, temos a propagação em massa de notícias falsas (*fake news*), que contribuem para a desinformação das pessoas. As notícias falsas relacionadas à pandemia por Covid-19, desde seu surgimento, têm sido constantes, dentre as quais destacamos a defesa da não vacinação e o uso de medicamentos com eficácia cientificamente não comprovada contra a doença.

Ao longo de todo o ano de 2020, principalmente, e também de 2021, diferentes veículos de informação deram visibilidade às atitudes, aos discursos classificados pela classe científica como “negacionistas”, que defendiam, por exemplo, a não adesão à vacina produzida contra o vírus. Como forma de exemplificar a recorrência desse tipo de informação, citamos, a seguir, uma notícia que representa essa realidade: “Vacina contra Covid-19 altera o DNA humano”<sup>5</sup>. Essa publicação influenciou diversas pessoas no Brasil a se recusarem a tomar a vacina, deixando-as expostas ainda mais aos perigos do vírus.

Tendo em vista o contexto acima apresentado, decidimos selecionar e analisar diferentes charges produzidas e veiculadas ao longo dos anos 2020/21, com o objetivo de verificar como o uso (ou o não uso) de conectores textuais interfere no modo como os chargistas tratam de questões atreladas à Covid 19.

O interesse por esse gênero do discurso se justifica pelo fato de podermos considerar o uso da linguagem, alinhada ao humor, ao duplo sentido e à ironia, por exemplo, o que, muitas vezes, contribui para que o leitor aguçe sua curiosidade e chegue a diferentes possibilidades de interpretação a respeito dos temas veiculados tanto a respeito da desinformação, especificamente, quanto a respeito da pandemia causada pela Covid-19, de modo mais geral. Para além disso, entendemos que as charges, por serem, normalmente, constituídas de um único quadro, com pouca presença do texto verbal, podem não explicitar determinados conectivos textuais,

Na tentativa de cumprir o objetivo proposto, coletamos, no período de junho de 2020 a janeiro de 2021, variadas charges produzidas por diferentes autores e publicadas em distintos veículos de comunicação brasileiros, tais como Paraná Portal, Guia do Estudante, Charges Uol, *twitter*. Coletamos, intencionalmente, apenas charges que

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-23/2020-confira-as-7-fake-news-mais-perigosas-sobre-a-pandemia-de-covid-19.html>. Acesso em 10 de jul. 2021).

abordam o contexto pandêmico provocado pela Covid-19. Obedecendo a esse critério geral, obtivemos cinco (05) charges que constituem nosso *corpus* de análise. Uma rápida observação revelou que as charges selecionadas apresentam tanto o encadeamento por justaposição quanto o encadeamento por conexão (KOCH, 1997), aspectos que nos interessam neste estudo.

Na tentativa de cumprir o objetivo proposto, dividimos este artigo em três partes. Na primeira, tratamos do gênero charge e de alguns poucos aspectos da coesão textual. Na segunda, apresentamos a metodologia da pesquisa e, na terceira e última parte, apresentamos e analisamos as 05 (cinco) charges selecionadas para este estudo. Para além dessas partes um tanto mais amplas, este texto ainda apresenta as considerações finais, bem como as referências bibliográficas usadas.

## **1.0 Fundamentação teórica**

### **1.1. O gênero do discurso charge**

Nos tempos atuais, tivemos uma mudança muito significativa no que diz respeito à interação texto escrito e leitor. Essa mudança, dentre outros aspectos, se relaciona com a forma como se lê, uma vez que anos atrás era muito mais comum vermos as pessoas lendo um jornal comprado numa banca, por exemplo, e atualmente essa prática é mais incomum. Vemos agora a leitura sendo feita, predominantemente, pelas telas dos celulares modernos e com acesso à rede de internet, que traz as notícias do mundo todo em tempo real, ou seja, um objeto que cabe na palma da nossa mão foi capaz de mudar o modo como nos relacionamos com a leitura, com a escrita, com o(s) outro(s), com o mundo.

É fato que temos, então, acesso a diferentes formas de leitura e a diferentes gêneros do discurso que podem nos interessar mais ou menos. Levando em conta essa multiplicidade de textos, de discursos, a charge nos chama a atenção, pois está presente, de maneira representativa, em diferentes e variadas mídias. É um gênero da esfera jornalística que costuma chamar muito a atenção dos leitores, o que, acreditamos, se deva, dentre outros motivos, ao fato de lidar de modo mais leve e informal com temas, muitas vezes, complexos e polêmicos.

Nos jornais, diversos são os temas retratados pelas charges, o que faz com que esse gênero não se direcione a um único público alvo, embora a seção do jornal, por si, já direcione a atenção do leitor. Desse modo, determinadas charges podem interessar mais a alguns do que a outros. Uma charge que retrata e ironiza algo ocorrido numa partida de futebol, por exemplo, interessará muito mais àqueles que gostam desse tema e que, portanto, selecionam a seção de esportes do jornal. O mesmo ocorre se o assunto for político, religioso etc.

É interessante destacar também a junção das linguagens verbal e não verbal, que colabora para a composição do gênero. Geralmente, as charges possuem imagens alinhadas a um curto texto escrito, que provoca algum debate sobre questões sociais, econômicas, políticas, por exemplo. Para o tratamento deles, os chargistas lançam mão de diferentes recursos da língua, dentre os quais se destacam o humor, a crítica e a ironia. Romualdo (2000), ao estudar a charge jornalística, afirma que ela

atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor (ROMUALDO, 2000, p.19).

Ainda, segundo Romualdo (2000), a charge pode ter seu efeito de sentido totalmente modificado de acordo com o texto que nela possui e a imagem que ela carrega, mas vale lembrar que por serem manifestações em grande maioria de cunho político, elas estão intrinsecamente ligadas a determinado período histórico ou, mais objetivamente, elas estão conectadas a uma situação específica. Assim, para que sejam satisfeitos os efeitos de sentido e, logo, o humor, o leitor precisa estar conectado a realidades específicas.

Levando em conta que a charge costuma ser confundida com a caricatura e com o cartum, entendemos ser pertinente mencionar que as diferenças entre esses três gêneros não representam, ainda, ponto pacífico entre os estudiosos. Essa realidade se deve, em grande parte, ao fato do desenho/ilustração ser um dos principais elementos da constituição desses três gêneros. Entretanto, a grande variedade bibliográfica a respeito dos gêneros do discurso existente hoje, principalmente, vem contribuindo para que a charge, o cartum e a caricatura sejam reconhecidos como gêneros diferentes. Embora o tratamento desses três gêneros fuja aos propósitos deste estudo, ressaltamos que, na esteira dos autores que se esforçam para comprovarem a individualidade dos gêneros do discurso, entendemos que a charge, a caricatura e o cartum são gêneros distintos.

Essas breves considerações são importantes para finalizarmos a apresentação simplificada desse gênero, pois ao final deste artigo serão apresentadas e analisadas algumas charges que tratam da pandemia causada pelo novo coronavírus. Antes disso, porém, fazemos algumas considerações a respeito da coesão textual e de alguns de seus expedientes.

## **1.2. A coesão textual: o uso e o não uso de conectores textuais**

A coesão textual colabora, substancialmente, para que o texto seja gramaticalmente bem articulado, de modo que todas as suas partes, todas as ideias veiculadas dialoguem umas com as outras. Segundo Koch (2003, p.15), a coesão textual é estabelecida mediante o uso de elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais. Esses elementos, que vão formando o “tecido” (tessitura) do texto, podem ser gramaticais e/ou lexicais e podem ser referenciais (anafóricos e catafóricos) ou relacionais (oposição, contraste, finalidade, localização temporal etc).

Para Koch e Travaglia,

a coesão é explicitamente apresentada através de elementos linguísticos, indicados na estrutura superficial do texto, sendo de caráter claro e direto, expressando-se na organização sucessiva do texto. (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p.22).

Da vasta bibliografia disponível sobre esse tema, a coesão, quase sempre correlacionada com a coerência, destacam-se os pioneiros Halliday e Hasan (1976), citados por Koch (2009), que defendem que a coesão está no campo semântico da estrutura da língua, pois para compreendermos o sentido do texto temos de ir além de sua constituição sintática. Para esses autores, “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso a outro” (Halliday e Hasan, 1976, p. 4 *apud* KOCH, 2009, p. 16).

Podemos dizer, então, que coesão e conectores textuais estão intrinsecamente ligados, de modo que é praticamente impossível tratar de um sem se referir, pelo menos, ao outro. Se considerarmos que a principal função dos conectores, quando empregados, é explicitar determinadas relações de sentido, deixando mais claras as intenções de quem produz o texto (oral ou escrito), ratificamos essa relação de interdependência.

Para Koch (2003), existem dois tipos de coesão textual: a referencial e a seqüencial. A primeira,

é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento (s) do universo textual. Este último, também chamado de referente textual, pode ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado (KOCH, 2003, p. 31)

Seguindo a coesão referencial, como mencionado acima, vem à coesão seqüencial, que segundo a mesma autora.

Diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à media que se faz o texto progride. (KOCH, 2003, p. 53).

Esse segundo tipo de coesão é o que mais nos interessa neste estudo, pois dentre seus expedientes estão os conectores textuais, elementos que constituem nosso objeto de estudo. A coesão seqüencial é recurso frequentemente utilizado por nós, produtores de diferentes gêneros do discurso, e tem como intuito articular nossas ideias, estabelecendo, como o nome já sugere, uma “seqüência” aceitável entre elas.

Na língua portuguesa há, portanto, vários mecanismos aos quais podemos recorrer para que tenhamos mais êxito em relação ao que dizemos ou escrevemos. Exemplos disso são os usos da pontuação, da entonação e dos conectores textuais, por meio das quais interrompemos, reatamos, reconstruímos, alteramos ideias e pensamentos.

Os conectores textuais - ou conectivos - tradicionalmente representados pelas conjunções, pelos advérbios e preposições, são alguns dos elementos indicados para estabelecer conexão entre as ideias. Para entendermos mais sobre esses importantes elementos da língua, podemos ter em mente que eles têm por função precípua associar ideias, estabelecendo relações entre elas. São utilizados e empregados em quaisquer gêneros do discurso, embora saibamos que uns exigem mais a sua presença do que outros.

Os conectores da língua portuguesa podem, quando utilizados, exercer diversas funções, como adição, oposição, semelhança, finalidade, hipótese, conclusão, explicação, dentre

várias outras. Caso eles sejam mal empregados, o(s) sentido(s) dos textos orais e escritos que produzimos podem ser comprometidos. Desse modo, caso o/a produtor/a do texto se decida pela utilização dos conectores, é necessário que eles sejam usados de modo correto para que seus propósitos comunicativos sejam atingidos. Entretanto, caso o desejo seja pela não explicitação de recursos coesivos, o leitor/ouvinte assume mais responsabilidade no que diz respeito à compreensão do texto. É como afirma Koch:

A justaposição pode dar-se com ou sem o uso de partículas sequenciadoras. A justaposição sem partículas extrapola o âmbito da coesão textual, que, como se viu, diz respeito ao modo como os componentes da superfície textual se encontram conectados entre si através de elementos linguísticos. Inexistindo tais elementos, cabe ao leitor construir a coerência do texto, estabelecendo mentalmente as relações semânticas e/ou discursivas. Nesses casos, o lugar do conector ou partícula é marcado, na escrita, por sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto) e, na fala, pelas pausas. (KOCH, 1989, p. 60)

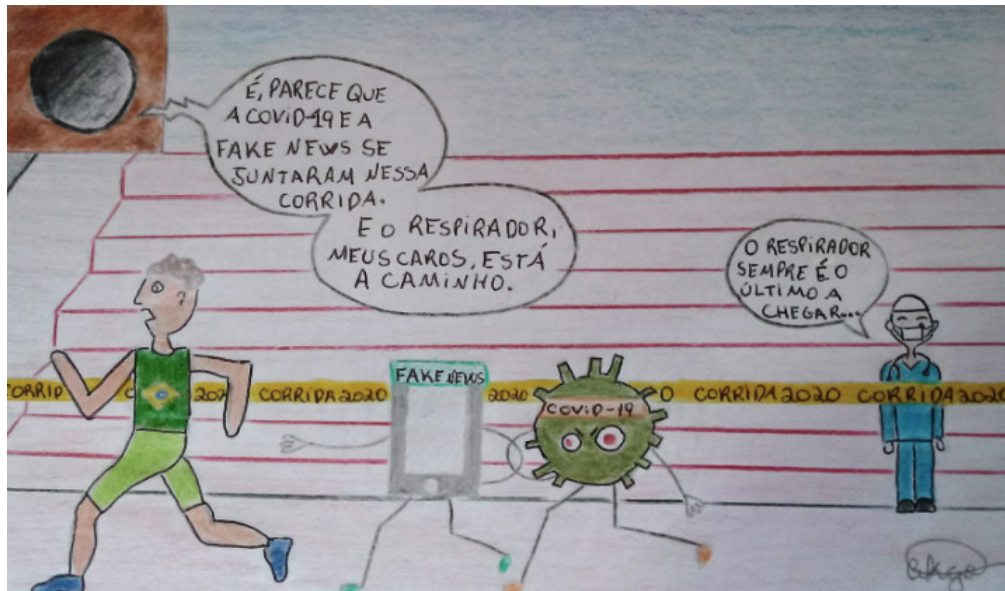
## 2.0 Metodologia

Como já mencionado, nesta pesquisa, nossas atenções estão voltadas tanto para a presença quanto para a ausência de conectores no gênero charge. Ressaltamos que não se trata de charges quaisquer, mas apenas aquelas que foram veiculadas no Brasil ao longo de 2020/21 e que abordam a pandemia da Covid-19. O *corpus*, analisado na segunda etapa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi selecionado a partir de uma amostra maior, composta de um montante de 80 exemplares coletados ao longo de pouco mais de 12 meses de busca constante e diária. Para chegarmos à seleção, que, de fato, será analisada, obedecemos a um critério mais geral, ou seja, optamos pela análise das charges que tratem de distintos momentos do período pandêmico: a chegada do vírus, o isolamento; as *fake news* e as vacinas.

Nosso *corpus* é composto, então, de 05 charges, a partir das quais chegamos a algumas conclusões a respeito do(s) efeito(s) de sentido(s) da presença/ausência de conectores nas charges. As charges escolhidas, apesar de terem algum efeito de humor, criticam, ironizam e nos fazem refletir sobre informações inverídicas que atingem milhões de pessoas, muitas das quais sequer sabem da existência de *fake news*. Cenário perfeito para que governantes, por exemplo, instituem suas “verdades”.

#### 4,0 Análises das charges selecionadas

##### CHARGE 01: covid-19 e as *fake news*



Fonte: disponível em: <https://umuarama.ifpr.edu.br/2020/07/01/resultado-da-mostra-de-charges-sobre-impactos-da-pandemia-causada-pelo-novo-coronavirus-em-nossas-vidas/>. Acesso em 15 set. 2021.

Esta charge mostra, com ironia, uma “corrida” que acontecia em Julho de 2020, época em que o Brasil representava o pico da pandemia<sup>6</sup>. Vemos que as *fake news* e o vírus estão prestes a vencer a luta contra a vida. Chegarão a primeiro lugar, ou seja, vencerão a corrida. Os respiradores, por sua vez, aparelhos muito importantes para o tratamento de grande parte dos pacientes que são internados pela doença, nem sequer aparecem na pista. A charge critica o poder público que demorou a adquirir os respiradores, o que contribuiu para o aumento do número de óbitos.

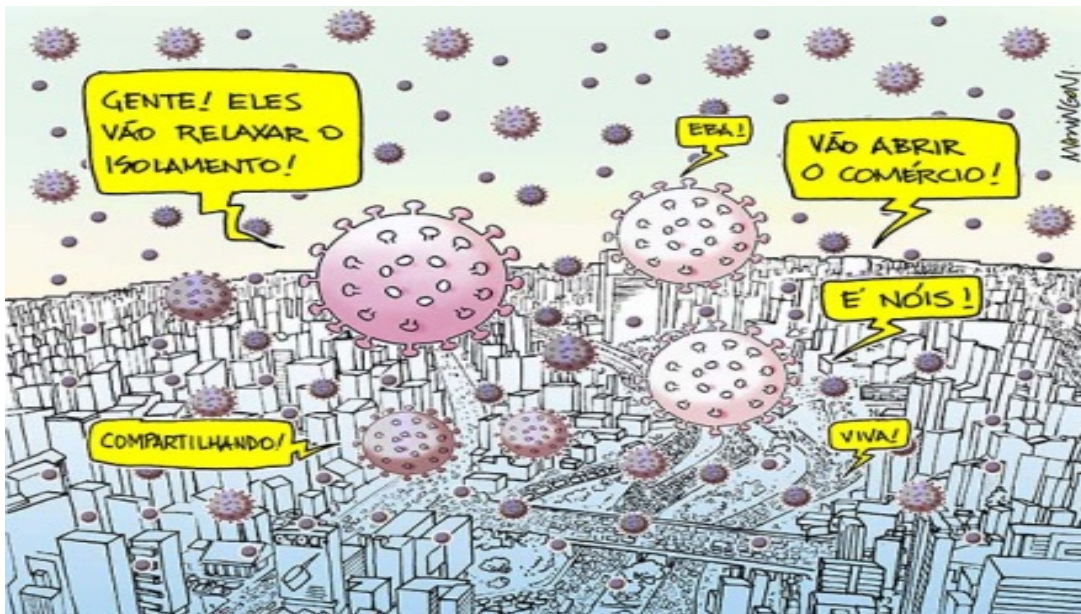
No que diz respeito ao uso de conectores, percebemos que predomina o encadeamento por conexão, uma vez que o conector “e” é selecionado, mais de uma vez, pelo produtor da charge. Logo no início, temos o seguinte enunciado “É, parece que a Covid-19 e a *fake news* se juntaram nessa corrida”. O conector “e” exerce sua função mais comum, ou seja, de adição: adiciona dois termos dentro do mesmo enunciado.

<sup>6</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/28/covid-mortes-julho-de-2021-julho-de-2020.ghtml>. Acesso em 05 set. 2021.



Imediatamente a seguir, temos outro enunciado com a presença de “e”: “E o respirador, meus caros, está a caminho” que é dito pelo profissional da saúde, isolado na charge. Diferentemente do que se verifica na ocorrência comentada anteriormente, nesta, o “e” não une termos ou qualquer outra parte do texto, mas inicia novo enunciado, funcionando como elemento desencadeador de novo tópico discursivo, que passa a chamar a atenção do leitor: o respirador.

#### CHARGE 02: a invasão do vírus



Fonte: <https://www.seesp.org.br/site/index.php/comunicacao/noticias/item/19263-charge-do-mes-isolamento-social>. Acesso em 01 de jun. 2020

Nesta charge, considerando a união das linguagens verbal e não verbal, vemos diversas “bolinhas roxas” que representam o vírus SARS-Cov-2 e abaixo delas temos diversos apartamentos, ou seja, toda uma população urbana, no caso. Logo na primeira interação das “bolinhas”, é dito “Gente! Eles vão relaxar o isolamento!”. O substantivo “gente”, acompanhado do ponto de exclamação, chama a atenção, pois funciona como uma espécie de direcionamento dado às outras bolas (que representam naves espaciais, como se fosse uma grande invasão alienígena) que são menores e que, portanto, devem obedecer a essa bola maior. O vírus, muito feliz, invadirá a Terra. O emprego do termo “Eles”, embora colabore para a indeterminação do referente, sinaliza para os leitores que o estado relaxará o isolamento, pois vinculada a essa charge há uma notícia que ironiza as decisões tomadas pelo governo do estado de São Paulo, que, mesmo em um período de aumento exorbitante de casos de covid-19 e contrariando as diretrizes da

Organização Mundial da Saúde (OMS) para a contenção do avanço da pandemia, flexibilizou as normas sanitárias<sup>7</sup>.

Todas as outras “bolas” que estão no diálogo comemoram a notícia, uma vez que elas representam o vírus da Covid-19. Ficaram felizes ao saber que vão se alastrar de maneira descontrolada. E foi exatamente o que aconteceu, pois vimos, dia após dia, que os casos aumentaram de maneira descontrolada e tivemos uma das piores pandemias do planeta.

No que diz respeito, especificamente, à presença ou ausência de conectores, percebemos que, embora não haja a explicitação desses elementos textuais, há conexão entre cada balão. Percebemos, por exemplo, uma relação de conclusão entre o primeiro balão “Gente! Eles vão relaxar o isolamento!” e o terceiro “Vão abrir o comércio”.

Esta charge comprova que a coesão se estabelece ao longo de toda a interação entre as “bolinhas roxas” e que a não explicitação de conectores textuais não compromete, de modo algum, as relações de sentido construídas. Os leitores, ao usarem seus conhecimentos e, se devidamente informados acerca das notícias sobre a covid-19, não terão dificuldades para chegarem ao(s) sentido(s) da charge.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/09/mortes-por-covid-19-em-sp-dobram-em-15-dias-e-podem-chegar-a-10-mil-ate-fim-de-maio-governo-atribui-piora-a-queda-no-isolamento.ghtml>. Acesso em 05 out. 2021

### CHARGE 03: isolamento e tristeza

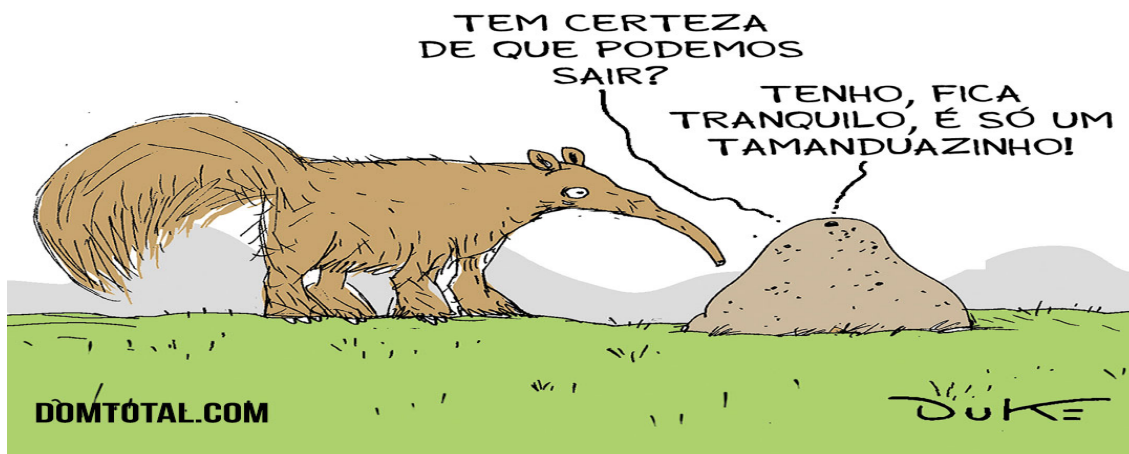


Fonte: disponível em: <https://www.comciencia.br/humor-25/>. Acesso em 27 abr. de 2020.

Nesta charge existe um único e curto enunciado num balão, o que faz com que, para sua interpretação, tenhamos que recorrer a todos os recursos visuais nela presentes. Desse modo, percebemos que na charge aparece uma garota que está de frente para um espelho, chorando e, portanto, com uma expressão muito triste e abatida. Acima dela há o balão com os seguintes dizeres “só quero que isso acabe logo”. Logo mais acima, temos a escrita “em casa.”. É interessante mencionar que é a partir de nosso conhecimento prévio que constatamos que a tristeza da personagem é decorrente dos muitos problemas causados pela pandemia no Brasil.

O pronome encapsulador “isso”, presente no enunciado da charge, chama atenção, pois faz referência ao vírus da COVID-19. É possível perceber que a garota deseja que a proliferação desse vírus acabe logo, pois a sua rotina, assim como a de todos nós, foi afetada. Afinal, ninguém passou incólume pelo vírus. O uso desse elemento de conexão textual revela também o medo, a incerteza do amanhã, a aflição e vários outros aspectos que fazem com que ela não saiba o que está por vir. O enunciado pronunciado pela garota poderia ter sido outro, como: “só quero que isso acabe logo “antes que” haja mais vítimas em nosso país”. Nesse caso, ela teria se apropriado de outro conector temporal, no caso. A não explicitação de um conector textual desse tipo não nos impede, entretanto, de entendermos que ela deseja que a pandemia vá embora logo de nosso país, pois o pronome “isso”, como dito anteriormente, faz referência a uma série de aspectos negativos.

## CHARGE 04: perigo iminente



Fonte: disponível em: <https://domtotal.com/charge/2973/2020/06/negacionistas/>. Acesso em 24 jun. 2020

A charge 04 também faz referência a determinado momento da Covid-19 em nosso país e, assim como aconteceu na charge anteriormente comentada, a compreensão dela depende de conhecimentos prévios do leitor. Temos um diálogo, na charge, que faz referência a um pronunciamento do presidente da república, durante a primeira onda da pandemia em nosso país. Nessa época, em rede nacional, o presidente, mesmo com o aumento de casos e mortes diariamente, se refere à pandemia como uma “gripezinha”<sup>8</sup>. A charge, ao mostrar um tamanduá se aproximando de suas presas, no caso as formigas, que ignorando o tamanho do perigo que as ameaça, acreditam se tratar apenas de um “tamanduazinho”, dialoga com “falas presidenciais” altamente perigosas e descomprometidas com a segurança dos brasileiros.

Analisar o uso ou não de conectores é uma tarefa de compreensão que vai além do campo gramatical e semântico, pois devemos levar em conta o(s) propósito(s) do produtor da charge, no caso. Na expressão “é só um tamanduazinho”, temos a diminuição, por parte de alguma das formigas do grupo, do perigo que elas estão submetidas, pois a realidade é ameaçadora. O mesmo pode ser dito em relação ao comportamento do presidente diante do contexto pandêmico. Sabemos que, independentemente do tamanho do tamanduá, ele sempre vai se alimentar de

<sup>8</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em 10 abril 2021.

formigas. Portanto, o mesmo perigo real e iminente, que ameaça as formigas também nos coloca em risco de morte. Afinal, o vírus da Covid-19 provoca reações distintas em distintos indivíduos, a depender das fragilidades de cada organismo. Dessa maneira o não uso do conector textual na charge acima faz com que o leitor possa, após associar o verbal com o não verbal, entender que a relação de explicação é estabelecida no enunciado em questão “Tenho, fica tranquilo, pois/porque é só um tamanduazinho”.

CHARGE 05: as vacinas



Fonte: disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/atualidades-enem-negacionismo>. Acesso em 04 de dezembro de 2020

Nesta charge, temos a presença de dois cientistas que estão em um laboratório, em passo avançado para desenvolverem a vacina contra o vírus da Covid-19, o que não se aplica, porém, à vacina contra a estupidez, a ignorância e o “negacionismo”. Por meio desse exemplo, podemos comprovar o caráter irônico das charges, pois tivemos, ao longo dos estudos que estavam sendo feitos em todo o planeta para que chegássemos a uma vacina para conter o vírus, a disseminação de desinformações sobre a eficácia das vacinas, o que colocou em xeque o próprio valor da ciência<sup>9</sup>.

No enunciado “Já contra a estupidez...”, o conector “já” exprime a ideia de contraste, contribuindo para que a discussão vá para outra direção. “Se substituíssemos o ‘já’, por

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/deutsche-welle/2020/12/21/como-desinformacao-e-grupos-antivacina-ameacam-combate-a-covid-19-no-brasil.htm>. Acesso em 02 fev, 2022.

elementos como “mas”; “entretanto”; “por outro lado”; “diferentemente”, manteríamos o sentido da expressão, uma vez que um dos cientistas lamenta com seu colega o fato de, mesmo com todos os esforços que ambos (e vários outros pesquisadores) estão fazendo, há pessoas que produzem notícias falsas, que atacam e negam a ciência, contribuindo para que a estupidez e a ignorância aumentem em nosso país.

## **5.0 Considerações finais**

Com o objetivo de verificar como o uso (ou o não uso) de expedientes de conexão textual interfere no modo como os chargistas tratam de questões atreladas à Covid 19, consideramos, como tem de ser, diferentes aspectos do gênero charge. Essa realidade nos levou à valorização do verbal e do não verbal que constituem cada uma das charges selecionadas para análise. Procuramos fazer uma análise global das charges apresentadas, destacando, em diferentes pontos do texto, como os elementos de conexão textual foram (ou não) empregados. Essa preocupação decorre do fato de entendermos que, para se fazer uma análise, seja ela qual for, precisamos ter diferentes tipos de conhecimento, dentre os quais se incluem o social e o histórico, por exemplo. É preciso conhecer, ao menos, o tema discutido e o gênero escolhido, no caso.

Essa realidade nos levou à seleção e à análise de 05 (cinco) charges que, de um modo ou de outro, abordam a Covid-19. No que diz respeito ao uso de expedientes coesivos, por exemplo, observamos que, independentemente, da presença ou da ausência de conectores textuais, é possível perceber, claramente, o(s) propósitos dos produtores das charges. Para, além disso, verificamos que, dos 05 exemplares analisados, 03 não apresentam conectores e 02, ao contrário, lançam mão desses elementos. Nesse último caso, os conectores empregados assumem funções nem sempre comentadas pelas gramáticas normativas de língua portuguesa. É o caso de “e”, na charge 02 e “já”, na charge 05.

Esperamos que este estudo possa contribuir para aqueles que se interessam pelos variados aspectos do universo dos gêneros do discurso, de modo mais amplo, e por expedientes de conexão textual no gênero charge, de modo mais específico.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Rejane Alves Pereira Medeiros e Lineu Barbosa de Medeiros, que, mesmo com algumas dificuldades, sempre estiveram comigo, acreditando de maneira incondicional em todo meu esforço e dedicação.

À universidade Federal de Uberlândia, que, com seu corpo docente e demais setores, constituem, de modo ético e ordeiro, uma grandiosa instituição.

A brilhante professora-orientadora Elisete Maria de Carvalho Mesquita, pelo apoio e contribuição inexoráveis.

Ao amigo e irmão Thyago Mendonca, parceiro ímpar em todos os momentos, contribuição *sui generis*.

Persistência, coragem e dedicação resumem este trabalho. Que a Universidade seja sempre pública, plural, gratuita, de qualidade e de todos.

## **6.0 Referências**

KOCH, Ingedore G. Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore G. Vilaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S.Paulo**. reimp. Maringá: Eduem, 2000